

ILUSÕES *versus* REALISMO

O CONHECIMENTO E A IGNORÂNCIA

[OS ROBÔS E AS ELEIÇÕES NO BRASIL](#) - *Alessandra Fedeski*

[O EMBATE ENTRE O CONHECIMENTO E A IGNORÂNCIA](#) - *Maurício Antônio Lopes*

[UM BASTA À IGNORÂNCIA](#) - *Rinaldo Gama, Filipe Vilicic e Marcelo Marthe*

[NEGACIONISMO CIENTÍFICO](#) - *Renan Leonel (USP) e colegas (Columbia University e University of Vienna)*

[CIÊNCIA TEM UM COMPORTAMENTO ESPIRITUAL PROFUNDO](#) – entrevista: *Marcelo Gleiser*

[AINDA O NEGACIONISMO DA CIÊNCIA](#)

[RETRATO TRISTE e VANGUARDA DAS TREVAS](#)

[VACINA CONTRA A IGNORÂNCIA](#) – *opinião de RBS*

[A REALIDADE NEGADA](#) – *Nilson Souza*

De: Manfredo Winge

Enviada em: sábado, 23 de dezembro de 2017 20:19

Para: Alessandra Fedeski

Cc: Aristides Arthur Soffiati Netto; Carolina Bahia; Cláudia Laitano; David Coimbra; Francisco Marshall; Juremir Machado; Larissa Roso; Luis Fernando Verissimo; Lya Luft; Martha Medeiros; Paulo Germano; Percival Puggina; Rosane de Oliveira; Dep. Adão Villaverde; Dep. Beto Albuquerque; Dep. José Fogaça; Dep. Margarida Salomão; Dep. Onix Lorenzoni; Dep. Osmar Terra; Dep. Vieira da Cunha; Sen. Alvaro Dias; Sen. Ana Amélia; Sen. Cristovam Buarque; Sen. Lasier Martins; Sen. Paulo Paim; Ver. Adeli Sell; Ver. Valter Nagelstein

Assunto: Alessandra Fedeski: OS ROBÔS E AS ELEIÇÕES NO BRASIL

Prezada jornalista Alessandra,

com a pretensão de provocar debates para a busca de soluções de nossos problemas, informo que incluí (encartei) o seu importante artigo "[OS ROBÔS E AS ELEIÇÕES NO BRASIL](#)" em *site* (<https://mw.eco.br/zig/hp.htm>) de assuntos variados, dentro do tópico "[PERIGO DE ROBÔS/FAKE NEWS QUE RONDAM AS ELEIÇÕES DE 2018 Solução: SITE CERTIFICADO](#)"

Críticas e sugestões são bem vindas

Cordialmente

Manfredo Winge - <https://mw.eco.br/zig/hp.htm>[confraria democrática do bom senso]

Webmaster: [1º SITE do IG/UnB](#)

[Glossário Geológico Ilustrado](#)

[SIGEP Sítios Geológicos e Paleobiológicos do Brasil](#)

"Aqueles preocupados com o custo da educação deveriam antes considerar o custo da ignorância".

Derek Bok, ex-Reitor da Universidade de Harvard (*foi-me enviado por e-mail*)

Comentários & Réplicas

From: Ellen Bisconti

Sent: Tuesday, December 26, 2017 1:28 PM

To: Manfredo Winge

Subject: Re: Alessandra Fedeski: OS ROBÔS E AS ELEIÇÕES NO BRASIL

Esses bots são usados para influenciar a opinião das pessoas pelo mundo, especialmente a dos incautos que "curtem", "seguem" o que aparece e até "comentam", sem saber o que a mensagem realmente significa. Consequência da ignorância e desinteresse.

Contas falsas do Twitter, postagens do Facebook são multiplicadas exponencialmente e espalhadas pelas redes. Sem dúvida, não ganham eleições. Nos EUA assim como em outros países, há a ala conservadora que valoriza a nacionalidade e teme a invasão em massa de uma cultura estrangeira, e suas posteriores consequências. Certamente o mesmo acontecerá por aqui, imitadores que somos.

A solução que vejo é científica. O cientista Alan Turing, lá por 1949, elaborou o teste Turing para saber se do outro lado da mensagem havia uma máquina ou um ser humano. Tantas décadas passadas, confio que os cientistas da computação elaborem uma forma de cancelar essas falsas mensagens no momento em que forem disparadas. Pode não ser fácil, mas impossível não é. Na década de 40, o nível de dificuldade também era imenso.

De: Manfredo Winge

Enviada em: quinta-feira, 28 de dezembro de 2017 17:24

Para: Ellen Bisconti; Maurício Antônio Lopes; Alessandra Fedeski

Cc: 'acir@senador.leg.br'; 'aacio.neves@senador.leg.br'; 'sen.aitonsandoval@senador.leg.br'; 'alvarodias@senador.leg.br'; 'ana.amelia@senadora.leg.br'; 'angela.portela@senadora.leg.br'; 'antonio.anastasia@senador.leg.br'; 'antonio.carlos.valadares@senador.leg.br'; 'armando.monteiro@senador.leg.br'; 'ataides.oliveira@senador.leg.br'; 'benedito.lira@senador.leg.br'; 'cassio.cunha.lima@senador.leg.br'; 'cidilino.santos@senador.leg.br'; 'cristovam.buarque@senador.leg.br'; 'cristovam.beber@senador.leg.br'; 'daniel.berger@senador.leg.br'; 'davi.alcolumbra@senador.leg.br'; 'edison.tobias@senador.leg.br'; 'eduardo.amorim@senador.leg.br'; 'eduardo.braga@senador.leg.br'; 'eduardo.lopes@senador.leg.br'; 'elmano.ferres@senador.leg.br'; 'enrico.oliveira@senador.leg.br'; 'fatima.bezerra@senadora.leg.br'; 'fernandobezerracelso@senador.leg.br'; 'fernando.colli@senador.leg.br'; 'fitea.ribeiro@senador.leg.br'; 'garibaldi.alves@senador.leg.br'; 'gladson.cameli@senador.leg.br'; 'gleisi@senadora.leg.br'; 'heliogiose@senador.leg.br'; 'humberto.costa@senador.leg.br'; 'ivo.cassol@senador.leg.br'; 'jader.barbalho@senador.leg.br'; 'joao.alberto.souza@senador.leg.br'; 'joao.capiberibe@senador.leg.br'; 'jorge.viana@senador.leg.br'; 'jose.agripino@senador.leg.br'; 'jose.maranhao@senador.leg.br'; 'josemedeiros@senador.leg.br'; 'jose.pimentel@senador.leg.br'; 'jose.serra@senador.leg.br'; 'katia.abreu@senadora.leg.br'; 'lasier.martins@senador.leg.br'; 'lidice.mata@senadora.leg.br'; 'lindbergh.farias@senador.leg.br'; 'lucia.vania@senadora.leg.br'; 'magnio.malta@senador.leg.br'; 'maria.carmo.alves@senadora.leg.br'; 'maria.suplicy@senadora.leg.br'; 'omar.aziz@senador.leg.br'; 'otto.alencar@senador.leg.br'; 'paulo.bauer@senador.leg.br'; 'paulopaim@senador.leg.br'; 'paulo.rocha@senador.leg.br'; 'pedrochaves@senador.leg.br'; 'raimundo.lira@senador.leg.br'; 'randolfe.rodrigues@senador.leg.br'; 'reginasousa@senadora.leg.br'; 'reguffe@senador.leg.br'; 'renan.calleiros@senador.leg.br'; 'roberto.muniz@senador.leg.br'; 'roberto.requiao@senador.leg.br'; 'robertorocha@senador.leg.br'; 'romario@senador.leg.br'; 'romulo.caiado@senador.leg.br'; 'rose.freitas@senadora.leg.br'; 'sergio.petezani@senador.leg.br'; 'simone.tebete@senadora.leg.br'; 'tasso.jereissai@senador.leg.br'; 'telmari.netto@senador.leg.br'; 'valdir.raupp@senador.leg.br'; 'vanessa.grazzini@senadora.leg.br'; 'vicentinho.alves@senador.leg.br'; 'valdemir.moka@senador.leg.br'; 'wellington.fagundes@senador.leg.br'; 'wilder.morais@senador.leg.br'; 'zeze.parella@senador.leg.br'; Dep. Adão Villaverde (villaverde@al.rs.gov.br); Dep. Beto Albuquerque (betoalbuquerque@camara.leg.br); Dep. José Fogaça; Dep. Margarida Salomão; Dep. Onix Lorenzoni (dep.onixlorenzoni@camara.leg.br); Dep. Osmar Terra (dep.osmarterra@camara.gov.br); Dep. Vieira da Cunha (dep.vieiradacunha@camara.gov.br); Sen. Alvaro Dias (alvarodias@senador.gov.br); Sen. Ana Amélia (ana.amelia@senadora.gov.br); Sen. Cristovam Buarque (cristovam@senador.gov.br); Sen. Paulo Paim (paulopaim@senador.gov.br); Ver. Adell Sell; Ver. Valter Nagelstein; Aristides Arthur Soffrati Netto (as-netto@uel.com.br); Carolina Bahia; Cláudia Laitano; David Coimbra; Francisco Marshall; Juremir Machado; Larissa Rosa (larissa.rosa@senhora.com.br); Luis Fernando Veríssimo; Lya Luft; Martha Medeiros; Paulo Germano (paulo.germano@zerohora.com.br); Percival Puggina; Rosane de Oliveira

Assunto: EMBATE ENTRE O CONHECIMENTO E A IGNORÂNCIA

Prezada Ellen,

obrigado por lembrar a genialidade do decifrador do “código nazista” e suas pesquisas subsequentes na área de interação *homem vs “máquina de pensar”*.

É!!.. quem sabe talvez um dia se chegue a um nível de confiança sobre a fonte humana exata (com CPF e DNA definidos) junto com a certificação de fidelidade total da mensagem como indispensáveis para a permissão de tráfego das informações na WEB?

Cabe lembrar sempre que existem dois lados que devem ser considerados na busca de soluções deste que foi, é e será, talvez, o maior e pior problema da falta de entendimento e diálogo político, social, religioso...: – (1) o lado do “emissor” e (2) o do receptor da *fake - sem esquecer que a transmissão também é um problema sério com eventuais ruídos, cortes e interferências naturais ou provocados.*

Em (1) pode se ter pessoas “honestas” que acreditam estar fazendo o bem ou aproveitadores, criminosos,.. no comando da emissão e disseminação das falsidades e em (2) pode se ter pessoas crentes, convictas de que a mensagem é fidedigna sempre que a *fake* coincidir com sua crença (e vice-versa, de não acreditar “de cara” em notícias contrárias às suas convicções) ou pessoas mais esclarecidas, desconfiadas, que sempre buscam identificar a fonte das informações e se *são* confiáveis antes de disseminá-las nas redes sociais, rádio, TV, etc.

E aqui, este assunto toca em algo – falta de um bom e crítico sistema de ensino e de cultura do País - já discutido em: “SERVIÇOS/DESERVIÇOS NA WEB:

<https://mw.eco.br/zip/emails/SP170114SabiosAntivacina.pdf> ” e que também é exposto em importante artigo que me foi repassado por WhatsApp:

[10/12 18:48] Manfredo: O artigo de opinião publicado pelo Correio Braziliense hoje, 10/12/2017, discute um fenômeno preocupante na atualidade, em que indivíduos com ideias preconcebidas, intuições, vieses e pressentimentos constroem versões distorcidas da realidade e se agarram à ilusão de que são detentores de conhecimento confiável. O grande perigo é que uma legião de desinformados, cheios de certezas, proliferem pelas mídias sociais, multiplicando conflitos desnecessários, comprometendo as boas relações, o convívio pacífico e criativo e, por fim, o progresso da sociedade.

artigo esse que localizei em *site* da EMBRAPA :

© https://www.embrapa.br/noticias-rss/-/asset_publisher/HA73uEmvroGS/content/id/30545115

[Obs. Tenho postado muitos *links* para textos importantes como este, mas vários sites vêm sendo cancelados (“volatilizados” no universo cibernético). Assim, visando garantir a preservação futura desta memória importante, o texto é copiado abaixo, mas **recomendo acessar o *link*** acima para ver a fonte original. Manfredo Winge]

O embate entre o conhecimento e a ignorância

Maurício Antônio Lopes

Presidente da Embrapa

O matemático e filósofo britânico Bertand Russell, um dos mais influentes pensadores do século XX, dizia que o maior problema do mundo moderno é que as pessoas preparadas e capazes estão sempre cheias de dúvidas, enquanto as desinformadas e incapazes estão sempre cheias de certezas. Incômodo semelhante sentia o escritor Umberto Eco, que não escondia irritação com o uso cada vez mais descuidado de um dos grandes avanços da humanidade, a internet. Com fino humor, ele dizia que, antes das redes sociais, os “tolos da aldeia” tinham

direito à palavra "em um bar e depois de uma taça de vinho, sem prejudicar a coletividade". E concluía que “o drama da internet é que ela pode transformar qualquer tolo da aldeia em portador de uma suposta verdade planetária”.

O fenômeno que tanto incomodava a Bertrand Russell e Umberto Eco foi estudado pelos psicólogos americanos Justin Kruger e David Dunning, da Universidade de Cornell. Eles descreveram o efeito Dunning-Kruger, segundo o qual indivíduos que possuem pouco conhecimento sobre um assunto julgam saber mais que outros mais bem preparados. Os cientistas concluíram que muitas vezes a ignorância gera confiança com mais frequência do que o conhecimento, dando a pessoas desqualificadas a sensação de uma “superioridade ilusória”. Assim, indivíduos com ideias preconcebidas, intuições, vieses e pressentimentos constroem versões distorcidas da realidade e se agarram à ilusão de que são detentores de conhecimento confiável.

Os estudiosos dessa “superioridade ilusória” analisam que, quanto mais ignorante alguém for em um assunto, menos qualificado será para avaliar a habilidade de qualquer pessoa que trabalhe no mesmo assunto, incluindo sua própria habilidade. Quando alguém usa uma rede social para disseminar absurdos e ninguém o contrapõe, esse indivíduo se assume um expert. Isso resulta em uma percepção artificialmente inflada das suas próprias habilidades, muitas vezes temperada pelo ego. O mesmo efeito fará com que pessoas igualmente incompetentes se parabenizem e se apoiem, pois não conseguem detectar suas insuficiências. Por isso, muitos ambientes de discussão efervescente são nada mais que arenas da ignorância, que afugentam as pessoas mais habilitadas a iluminar o debate.

Um agravante é que as catástrofes e o negativismo exercem enorme atração sobre a sociedade moderna. Essa condição cria ambiente fértil para a “superioridade ilusória”, que faz circular de forma intensa falácias e meias verdades, ampliando o culto ao pessimismo e a glorificação dos que adoram bater os tambores do apocalipse. Estranhamente, esse movimento cresce em um mundo em que são abundantes as evidências de progresso, como mais democracia, mais educação e mais desenvolvimento econômico e social. Qualquer análise cuidadosa do progresso humano em prazos mais longos demonstrará que as melhorias alcançadas pela sociedade moderna são nada menos que extraordinárias. A humanidade nunca esteve tão bem como agora, em inúmeros aspectos, o que deveria afugentar o pessimismo e nos animar em relação ao futuro.

Mas, ao contrário, estamos nos afogando todos os dias em um mar de análises e cenários pessimistas. Razão por que teremos que nos preparar para um embate cada vez mais acirrado entre o conhecimento e a ignorância. De acordo com Max Roser, cientista da Universidade de Oxford, que se dedica a estudar a evolução a longo prazo dos padrões de vida no mundo, uma das razões pelas quais muitos se concentram em coisas que dão errado é que sua amostragem é distorcida da realidade, porquanto concentrada em eventos únicos e pontuais, preferencialmente extremos, que atraem mais curiosidade e atenção. A atenção preferencial a eventos extremos faz com que os avanços positivos de grande impacto, que ocorrem mais lentamente e são resultado da integração de muitos pequenos avanços, não capturem a atenção das pessoas, que se tornam mais concentradas no curto prazo e, pior, cada vez mais obsessivas pela catástrofe e pela autoflagelação.

Outro agravante é que a informação está sendo produzida e disseminada em velocidade estonteante e desvalorizada e tornada obsoleta com igual celeridade. É cada vez mais difícil nos mantermos atualizados em temas como política, saúde, segurança, tecnologia, etc. E, embora informações estejam prontamente disponíveis em múltiplos veículos e mídias, é cada vez mais difícil avaliar quando alguém está bem informado. O perigo é que as torrentes de informações

que nos chegam diariamente nos tornem menos informados, desinformados ou, pior ainda, menos conhecedores do que não sabemos.

Portanto, não é possível esperar que o confronto entre o conhecimento e a ignorância se abrande no futuro, pois enquanto a ciência e a tecnologia avançam em ritmo exponencial, a política, a economia e a educação seguem em ritmo lento e linear. Na era do conhecimento, a grande maioria dos países acumula imensos passivos na formação de talentos e competências e muitas vezes a educação e a ciência são tratadas com pouca ou nenhuma prioridade. O perigo é que uma legião de desinformados cheios de certezas multipliquem conflitos desnecessários e comprometam o progresso. Esse é um desafio importante para o Brasil, que acaba de ser apontado na pesquisa “Os Perigos da Percepção”, do instituto Ipsos Mori, como a segunda nação, em 38 pesquisadas, em que as pessoas mais têm uma percepção equivocada da realidade do seu próprio país.

(Este artigo foi publicado na edição do dia 10 de dezembro de 2017 do jornal Correio Braziliense - Secretaria de Comunicação da Embrapa – Secom)

UM BASTA À IGNORÂNCIA

De: Manfredo Winge

Enviada em: terça-feira, 1 de outubro de 2019 18:19

Para: 'acir@senador.leg.br'; 'aécio.neves@senador.leg.br'; 'sen.airtonsandoval@senado.leg.br'; 'alvarodias@senador.leg.br'; 'ana.amelia@senadora.leg.br'; 'angela.portela@senadora.leg.br'; 'antonio.anastasia@senador.leg.br'; 'antonio.carlosvaladares@senador.leg.br'; 'armando.monteiro@senador.leg.br'; 'ataides.oliveira@senador.leg.br'; 'benedito.lira@senador.leg.br'; 'cassio.cunha.lima@senador.leg.br'; 'cidinho.santos@senador.leg.br'; 'ciro.nogueira@senador.leg.br'; 'cristovam.buarque@senador.leg.br'; 'dalirio.beber@senador.leg.br'; 'dario.berger@senador.leg.br'; 'davi.alcolumbre@senador.leg.br'; 'edison.lobao@senador.leg.br'; 'eduardo.amorim@senador.leg.br'; 'eduardo.braga@senador.leg.br'; 'eduardo.lopes@senador.leg.br'; 'elmano.ferrer@senador.leg.br'; 'eunício.oliveira@senador.leg.br'; 'fatima.bezerra@senadora.leg.br'; 'fernandobezerracoelho@senador.leg.br'; 'fernando.collor@senador.leg.br'; 'flexa.ribeiro@senador.leg.br'; 'garibaldi.alves@senador.leg.br'; 'gladson.cameli@senador.leg.br'; 'gleisi@senadora.leg.br'; 'heliojose@senador.leg.br'; 'humberto.costa@senador.leg.br'; 'ivo.cassol@senador.leg.br'; 'jader.barbalho@senador.leg.br'; 'joao.alberto.souza@senador.leg.br'; 'joao.capiberibe@senador.leg.br'; 'jorge.viana@senador.leg.br'; 'jose.agripino@senador.leg.br'; 'jose.maranhao@senador.leg.br'; 'josemedeiros@senador.leg.br'; 'jose.pimentel@senador.leg.br'; 'jose.serra@senador.leg.br'; 'katia.abreu@senadora.leg.br'; 'lasier.martins@senador.leg.br'; 'lidice.mata@senadora.leg.br'; 'lindbergh.farias@senador.leg.br'; 'lucia.vania@senadora.leg.br'; 'magno.malta@senador.leg.br'; 'maria.carmo.alves@senadora.leg.br'; 'marta.suplicy@senadora.leg.br'; 'omar.aziz@senador.leg.br'; 'otto.alencar@senador.leg.br'; 'paulo.bauer@senador.leg.br'; 'paulopaim@senador.leg.br'; 'paulo.rocha@senador.leg.br'; 'pedrochaves@senador.leg.br'; 'raimundo.lira@senador.leg.br'; 'randolfo.rodrigues@senador.leg.br'; 'reginasousa@senadora.leg.br'; 'reguffe@senador.leg.br'; 'renan.calheiros@senador.leg.br'; 'roberto.muniz@senador.leg.br'; 'roberto.requiao@senador.leg.br'; 'robertorocha@senador.leg.br'; 'romario@senador.leg.br'; 'romero.juca@senador.leg.br'; 'ronaldo.caiado@senador.leg.br'; 'rose.freitas@senadora.leg.br'; 'sergio.petecao@senador.leg.br'; 'simone.tebet@senadora.leg.br'; 'tasso.jerissati@senador.leg.br'; 'telmarimota@senador.leg.br'; 'valdir.raupp@senador.leg.br'; 'vanessa.graziotin@senadora.leg.br'; 'vicentinho.alves@senador.leg.br'; 'waldeimir.moka@senador.leg.br'; 'wellington.fagundes@senador.leg.br'; 'wilder.morais@senador.leg.br'; 'zeze.perrella@senador.leg.br'

Assunto: Um basta à ignorância

Prezados e prezadas,

vivemos tempos difíceis e perigosos, cheios de intrigas e discussões inúteis. Frequentemente deletérias. Mesmo que inúteis, tornam-se, em grande parte, enervantes em que todos os atores perdem pois acaba-se o diálogo e sobressai a falta de realidade. São discussões, muitas vezes simplórias, sem debate claro e, pior, verifica-se que está ocorrendo um retrocesso civilizatório em que os conhecimentos científicos são escrachados por pessoas paranoicas, donas da sua verdade, não a verdade baseada em fatos e pesquisas, mas em crenças.

É o começo de uma guerra de sobrevivência de humanidade e democracia, do conhecimento contra a ignorância, o obscurantismo, o oportunismo e as *fakes* criminosas como levemente tocado em <https://mw.eco.br/zig/emails/ILREA171223ConhecIgnorancia.pdf> e corajosamente abordada em artigo da revista VEJA a seguir:

© VEJA 13/9/19 <https://veja.abril.com.br/brasil/obscurantismo-idade-das-trevas/>

[Obs. Tenho postado muitos *links* para textos importantes como este, mas vários sites vêm sendo cancelados (“volatilizados” no universo cibernético). Assim, visando garantir a preservação futura desta memória importante, o texto é copiado abaixo, mas **recomendo acessar o *link*** acima para ver a fonte original. Manfredo Winge]

Um basta à ignorância

A ciência, a democracia, a tolerância — alguns nobres sinônimos da civilização — estão sob o ataque do que se poderia chamar de nova Idade das Trevas

Por Rinaldo Gama, Filipe Vilicic e Marcelo Marthe

Publicado em 13 set 2019, 06h30

Não adiantará procurarmos resolver os problemas financeiros, administrativos, técnicos, científicos, culturais, sociais, etc. do País, como temos procurado sugerir para resolver (<https://mw.eco.br/zig/hp.htm>), se cairmos/decairmos para uma sociedade dominada pela

ignorância e por ignorantes completamente insensíveis ao que realmente é a democracia e a triste realidade social nossa.

Saudações democráticas

Manfredo Winge - <https://mw.eco.br/zip/hp.htm> [confraria democrática do bom senso]

Webmaster: [1º SITE do IG/UnB](#)

[Glossário Geológico Ilustrado](#)

[SIGEP Sítios Geológicos e Paleobiológicos do Brasil](#)

"Aqueles preocupados com o custo da educação deveriam antes considerar o custo da ignorância".

Derek Bok, ex-Reitor da Universidade de Harvard (foi-me enviado por e-mail)

PS – se não conseguir abrir o texto da VEJA, tente a cópia no site <https://mw.eco.br/zip/emails/ILREA19Veja.pdf>

© Boletim FAPESP - <https://agencia.fapesp.br/negacionismo-cientifico-a-producao-politica-e-cultural-de-desinformacao/34028/>

[Obs. Tenho postado muitos *links* para textos importantes como este, mas vários sites vêm sendo cancelados ("volatilizados" no universo cibernético). Assim, visando garantir a preservação futura desta memória importante, o texto é copiado abaixo, mas **recomendo acessar o *link*** acima para ver a fonte original. Manfredo Winge]

NEGACIONISMO CIENTÍFICO: a produção política e cultural de desinformação

02 de setembro de 2020

Karina Toledo | Agência FAPESP – Antes restrito a grupos articulados em torno de interesses religiosos ou econômicos específicos e aos amantes de teorias da conspiração, o negacionismo científico tem ganhado corações e mentes nos últimos anos por intermédio das redes sociais. Com a chegada da COVID-19, o fenômeno se intensificou e o que era a contracorrente tornou-se, em alguns casos, discurso oficial e política de Estado.

Teria esse processo de institucionalização do negacionismo na figura de líderes políticos comprometido a eficácia das medidas de combate à pandemia em países como Brasil, Estados Unidos e Reino Unido? Essa é a hipótese que vem sendo investigada pelo pesquisador da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM-USP) [Renan Leonel](#), em parceria com colegas da Columbia University (Estados Unidos) e da University of Vienna (Áustria).

O projeto, intitulado *Viral agnotology: COVID-19 denialism amidst the pandemic in Brazil, United Kingdom, and United States* (Agnotologia viral: negação da COVID-19 em meio à pandemia no Brasil, Reino Unido e Estados Unidos), concorreu com outras 1.300 propostas de todo o mundo e foi selecionado em uma [chamada](#) lançada pelo Social Science Research Council of New York (SSRC), em parceria com a Herny Luce Foundation. A iniciativa tem como objetivo apoiar projetos inovadores que, em meio à pandemia, fazem uso de métodos de pesquisa remota para lançar luz sobre os efeitos de curto e longo prazo da COVID-19 em uma série de questões.

À **Agência FAPESP**, Leonel explicou que o termo agnotologia, cunhado nos Estados Unidos, se refere ao estudo dos fenômenos de produção política e cultural da desinformação. Trata-se de um processo socialmente induzido e que visa a promoção deliberada da ignorância ou da incerteza na opinião pública acerca de determinado tópico. Nos últimos anos, o pesquisador tem se dedicado a estudar, com [apoio da FAPESP](#), o fenômeno oposto: como cientistas produzem conhecimento, criam processos culturais para viabilizar a sua circulação, estruturam práticas coletivas de lidar com evidências científicas e como essas informações são disseminadas na sociedade.

“Meu ambiente de estudo é a sociologia do conhecimento, ou seja, a produção de conhecimento em ambientes culturalmente e politicamente delimitados, como hospitais, laboratórios ou institutos de pesquisa. A sociologia da ignorância estuda a produção de desinformação e mecanismos de descrédito da ciência oficial em um ambiente de caos, sem controle. Mas me

interessei em propor o projeto por entender que a produção de ignorância em si está se tornando um ator capaz de comprometer os instrumentos de produção do conhecimento. A partir do momento que existe uma estrutura tão forte e tão presente na sociedade como as redes sociais, cientistas, divulgadores científicos e jornalistas de ciência passam a ter um trabalho adicional. Além de comunicar a ciência, é preciso comunicar claramente à sociedade o que não é ciência.”

Leia a seguir os principais trechos da **entrevista** concedida pelo pesquisador à **Agência FAPESP**:

A produção de conhecimento na área de saúde foi seu objeto de estudo ao longo de toda a pós-graduação. Por que agora, durante a pandemia, você optou por analisar o fenômeno oposto?

Renan Leonel– A ideia inicial era investigar, em parceria com um colega da Columbia University, onde fiz um estágio de pós-doutorado, os resultados gerados pela pandemia em termos de produção do conhecimento. Mas nos deparamos com uma verdade inconveniente: a gravidade da crise causada pela COVID-19 provocou uma verdadeira explosão de desinformação, à qual a sociedade vem reagindo, em alguns casos, de forma inesperada. Decidimos então estudar a contrapartida da produção de conhecimento, que é a produção de ignorância. Nos Estados Unidos, esse campo de estudo ganhou o nome de *agnostology*. O termo foi proposto pela primeira vez em um livro publicado pelo historiador da Stanford University Robert N. Proctor, cujo título é *Agnotologia: a construção e a desconstrução da ignorância*.

Qual é a hipótese que vocês investigam no projeto apoiado pelo SSRC?

Leonel – Quando elaboramos a proposta, em abril, Estados Unidos, Brasil e Reino Unido eram os campeões mundiais em casos de COVID-19. Embora sejam três democracias com sistemas de saúde estruturados, era possível perceber que, nesses locais, a sociedade não estava aderindo às recomendações da Organização Mundial da Saúde e demais órgãos internacionais com o mesmo empenho observado no restante do mundo democrático. Partimos do pressuposto que esse comportamento estaria relacionado com a produção de desinformação e com o surgimento de um novo movimento: o negacionismo científico como política de Estado, incorporado no discurso oficial. Levantamos então a hipótese de que esse processo de oficialização do negacionismo na figura de líderes políticos teria comprometido, nesses três países, a eficácia das medidas de combate à pandemia. No Reino Unido, o fenômeno foi mais acentuado nos primeiros meses, mas no Brasil e nos Estados Unidos ainda segue forte. No âmbito internacional, praticamente não há projetos de pesquisa sobre a produção cultural de desinformação sobre a COVID-19 que incluem o Brasil. O fato de termos incluído o país como um estudo de caso relevante no projeto acho que foi um dos fatores que despertaram o interesse do SSRC.

Como vocês têm investigado a produção de ignorância nesses países e quais são os resultados já obtidos?

Leonel – Fizemos uma extração com o software Article API de todos os artigos de jornal relacionados aos temas de interesse publicados até 23 de julho nos principais jornais impressos de cada país. Dos Estados Unidos entraram *The New York Times*, *The Wall Street Journal* e *USA Today*; do Brasil foram incluídos *O Globo*, *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*; e, do Reino Unido, *Metro*, *The Sun* e *Daily Mail*. Os resultados foram semelhantes em número de documentos nos três países – entre 12,5 mil e 15 mil textos publicados, incluindo reportagens, artigos de opinião, editoriais e entrevistas – e isso facilitou uma comparação. Por meio de ferramentas

computacionais usadas para análise qualitativa de grandes conjuntos de dados, construímos uma lista de palavras-chave que nos permitiu extrair desse conjunto apenas os textos mais relevantes para a análise das narrativas que pretendemos abordar na pesquisa. Foi possível observar que, no início da pandemia, a capacidade hospitalar, principalmente a disponibilidade de leitos de Unidade de Terapia Intensiva [UTI], foi um dos temas em destaque na mídia. No Reino Unido, os principais jornais ressaltaram a importância do NHS [National Health Service, o sistema público de saúde do país] e seu papel no tratamento do primeiro-ministro [Boris Johnson chegou a ser internado em unidade de terapia intensiva após contrair a COVID-19]. Já nos Estados Unidos, onde o sistema de saúde é privado e responde à demanda do mercado, a preocupação era com a capacidade do país de ofertar leitos às pessoas que não tinham condições de pagar o valor de mercado. Não existe uma estrutura hospitalar baseada na lógica da universalidade da saúde pública. A cidade de Nova York, por exemplo, tem muitos hospitais e quase todos privados. Os jornais de lá deram destaque para o fato de que parte importante do que se atendeu pela saúde pública foi graças às políticas da gestão anterior, que criou o Medicare [um seguro de saúde gerido pelo próprio governo norte-americano e destinado a determinadas faixas de idade e renda]. No Brasil, a capacidade do Sistema Único de Saúde [SUS] de atender a demanda por leitos de UTI e as assimetrias regionais da rede pública de saúde também foram temas importantes, mas a postura do presidente Jair Bolsonaro em relação à pandemia e seu impacto sobre a eficácia das políticas de combate à COVID-19 que estavam sendo implementadas foram os principais destaques. Mais de 70% dos textos faziam menção a Bolsonaro. O Brasil também foi o país em que mais se publicou sobre a cloroquina e a hidroxicloroquina. Mas, claro, nossos dados vão até julho e com o avançar da pandemia tudo isso tem mudado muito rapidamente. Em agosto começamos o levantamento das informações veiculadas nos meios digitais e redes sociais. Usando as mesmas ferramentas para análise qualitativa de dados, estamos extraindo informações de interesse do Twitter, de alguns blogs e estamos estudando a viabilidade de incluir o Facebook. A ideia é mapear como as redes sociais responderam às informações veiculadas pela mídia oficial, ou seja, em que medida a desinformação é produzida como uma contrapartida do discurso oficial da grande mídia. O que temos observado é que esse fenômeno tem ocorrido nos três países de forma muito semelhante – no Brasil, a população ativa nas redes é um pouco menor do que a norte-americana, mas bem maior do que a britânica – e parece estar ligado ao surgimento de movimentos de extrema direita. Aqui no Brasil encontramos um enorme cardápio de desinformação, que vai desde a defesa do isolamento vertical – algo que nem sequer possui consenso na literatura científica – até o uso de cloroquina e de vermífugo para prevenir a doença. Não por acaso somos um dos países que menos sucesso teve no achatamento da curva epidêmica. Para a opinião pública internacional já está evidente que, no Brasil, a ação de movimentos organizados no ambiente digital comprometeu as já frágeis políticas públicas de combate à pandemia.

Por que o impacto da desinformação foi maior aqui?

Leonel – O Brasil foi o mais impactado pela produção sistemática de desinformação por ter uma educação para a ciência bem menos consolidada que a britânica e norte-americana, além de uma população com menos anos de estudo em média. Além disso, os instrumentos de comunicação científica, que são necessários para contrabalançar a produção de ignorância e fazer a informação chegar até as pessoas, são mais frágeis no país. Nosso levantamento mostra que os jornais brasileiros não tinham uma abordagem sólida no que se refere às evidências científicas sobre o novo coronavírus. Boa parte da comunicação científica no Brasil foi feita por pessoas de fora dos órgãos oficiais, como youtubers, blogueiros e comentaristas convidados

pelos veículos de imprensa. Os Estados Unidos têm meios de comunicação científica bem mais antigos e estruturados, o que se deve ao fato de terem um sistema nacional de ciência e tecnologia bem maior e que recebe muito mais dinheiro. Mas os dois países são semelhantes no que se refere à desconfiança da população na comunicação científica oficial, ou seja, na ciência comunicada pela grande mídia.

Quais outras similaridades e diferenças se destacam na comparação entre os países?

Leonel – Algo que me chamou a atenção foi o comportamento em relação ao uso da máscara, que se mostrou uma tecnologia barata e eficaz para reduzir a disseminação do vírus. Eu arrisco dizer que nos Estados Unidos e no Reino Unido a população não aderiu à prática de forma tão ampla e rápida como no Brasil. Pela análise dos jornais observamos que aqui o uso da máscara está atrelado à necessidade dos brasileiros de sair para trabalhar. Muitos não puderam se dar ao luxo de uma quarentena prolongada e a máscara acabou sendo uma questão de sobrevivência e parece ter sido uma política pública que de fato ajudou a reduzir o impacto da pandemia. Já nos Estados Unidos a adesão foi bem menor, com exceção de cidades como Nova York, que experimentou a tragédia de perto. A análise dos jornais também mostra que a questão foi politizada pelo presidente Donald Trump, que dizia ser um hábito de países orientais, um hábito chinês. Lá usar máscara passou a ser uma atitude em favor dos chineses e contra o *american way of life*. Mas outros fatores influenciaram, como o fato de a população americana ter mais condições de permanecer protegida em casa. O governo concedeu um auxílio emergencial de US\$ 1,2 mil por pessoa no início da pandemia. A máscara acabou se tornando algo secundário nos Estados Unidos, enquanto aqui a adotamos como um elemento para convivência no espaço público, pois não tivemos a opção de não conviver no espaço público. Isso evidencia a influência de questões socioeconômicas no comportamento individual de enfrentamento da pandemia. Diante da gravidade da situação e em condições precárias de vida, as pessoas deram um jeito de se proteger. Formaram redes de solidariedade para produzir máscaras, doar cestas básicas e isso ajudou a reduzir o impacto da pandemia no país, que tinha espaço para ser muito maior. A existência do SUS e a possibilidade de expandir rapidamente o número de leitos de UTI também foram muito importantes para controlar a mortalidade. Poderíamos ter nos saído muito melhor se não houvesse uma produção tão forte e oficializada de desinformação.

Como as redes sociais impactaram a produção de ignorância?

Leonel – A forma como as sociedades se organizam politicamente e culturalmente para construir agendas de conhecimento e de ignorância tem sido objeto de estudo da Sociologia desde o início do século 20. Entende-se que a produção e a disseminação do conhecimento científico não é um processo neutro. Existem escolhas políticas ao longo de toda a cadeia de desenvolvimento da ciência. Do mesmo modo, existem atores e instituições interessados em disseminar desinformação. De modo geral, a produção de ignorância tem relação com movimentos políticos que buscam legitimar uma determinada agenda de poder ou tirar o foco de algo que não lhes interessa. Por exemplo, quando o HIV emergiu como um problema de saúde pública nos Estados Unidos, na década de 1980, os ativistas tiveram um papel importante para garantir o acesso ao tratamento em um país sem sistema público de saúde. Na contramão, surgiram movimentos conservadores que buscavam estigmatizar a doença e difundir a ideia de que aquele era um problema restrito a pessoas que não se adequavam ao modelo de família norte-americano. Outro exemplo: no início do século 21, observou-se muita desinformação sobre os riscos das pesquisas com células-tronco e das novas biotecnologias voltadas à reprodução humana artificial. Esse movimento atendia a interesses de grupos políticos que

defendiam os valores da família tradicional e eram contrários à reprodução independente. A produção de ignorância parece aumentar sempre que há um desgaste histórico na parceria entre governantes e cientistas, pois isso compromete a comunicação científica. A desinformação, portanto, não é uma consequência das redes sociais. A natureza do conteúdo não mudou, mas as mídias digitais aceleraram sua disseminação e elevaram o patamar de alcance, possibilitando um impacto muito maior. Hoje é muito fácil encontrar na internet material com ou sem base científica para falar sobre qualquer coisa. E as pessoas compartilham essas informações muitas vezes sem qualquer referência sobre a autoria ou qualquer controle sobre a veracidade do conteúdo. As próprias redes sociais se transformaram em um ator – um ator técnico, não humano – que interfere na disseminação do conhecimento. A teoria sociológica propõe a existência de grupos responsáveis por controlar a produção e a disseminação de conhecimento na sociedade e fazer a governança da desinformação. Mas esses atores parecem ter perdido o controle em tempos de redes sociais. Embora a produção de ignorância não seja originalmente minha área de estudo, me interessei em propor esse projeto por entender que a produção de ignorância em si está se tornando um ator que pode comprometer os instrumentos de produção do conhecimento. Como pós-doutorando na Faculdade de Medicina vejo os pesquisadores loucos atrás de dados sobre uma vacina e de outras estratégias para combater a pandemia e, enquanto isso, as pessoas estão indo na farmácia atrás de remédios que não funcionam. A partir do momento que você tem uma estrutura tão forte e tão presente na sociedade como as redes sociais, os cientistas, divulgadores científicos e jornalistas de ciência passam a ter um trabalho adicional. Além de comunicar a ciência é preciso comunicar claramente à sociedade o que não é ciência.

Existe uma vacina contra a ignorância?

Leonel – A sociologia da ignorância é um campo de estudo relativamente novo e ainda pouco conhecido, mas é uma agenda de pesquisa que ganhou força recentemente e tem enorme potencial de crescimento. Pesquisas nessa área podem ajudar a entender como o sistema de produção de ignorância funciona e subsidiar políticas públicas para combater as consequências. Precisamos criar instrumentos legais para responsabilizar os atores que deliberadamente disseminam ignorância e fazê-los assumir as consequências desse comportamento. Também é preciso refletir melhor sobre o papel das empresas que fazem a gestão desse conteúdo na internet. Além disso, a academia precisa acordar para o fato de que nossos instrumentos de comunicação científica não estão sendo eficazes. É preciso fortalecer na sociedade uma cultura pró-conhecimento, valorizar o conhecimento produzido nas universidades, fazer mais e melhores parcerias com interlocutores das plataformas digitais, que é onde a população busca, de fato, a informação hoje em dia. E esse processo passa por entender a produção de ignorância. Quando identificamos os resultados gerados pela desinformação, mostramos pelo exemplo oposto por que ciência e tecnologia são importantes.

Comentários & Réplicas

Este artigo e entrevista foram enviados por *whatsapp* com os seguintes comentários:

[2/9 10:58 PM] Manfredo Winge: <https://agencia.fapesp.br/negacionismo-cientifico-a-producao-politica-e-cultural-de-desinformacao/34028/>
Não podemos deixar a IGNORÂNCIA ser divulgada e valorizada por mentes estreitas e perigosas. Precisamos de cientistas gerais para assumir o papel dos jornalistas e cronistas do fascinante mundo das pesquisas científicas e conhecimento decorrente produzindo artigos com linguagem simples para atingir a população leiga a partir da infância-adolescência.

Manfredo Winge - <https://mw.eco.br/zig/hp.htm> [confraria democrática do bom senso]

[3/9 7:47 AM] +55 41 9971-3354: Muito bom.

From: Alvaro
Sent: Friday, September 04, 2020 11:23 AM
To: 'Manfredo Winge'
Subject: RES: Bol. FAPESP: Negacionismo científico: a produção política e cultural de desinformação

Excelente iniciativa da FAPESP.

Álvaro

From: Manfredo Winge
Sent: Friday, September 04, 2020 6:40 PM
To: Alvaro
Subject: Re: Bol. FAPESP: Negacionismo científico: a produção política e cultural de desinformação

Caro Álvaro,

e parabéns, também, aos autores e universidades que vêm apoiando esta pesquisa: o Renan da USP + colegas da Columbia Uni e da Vienna Uni..

Gostaria mesmo é de ver uma RÉPLICA pelos menos desses NEGACIONISTAS, se possível dessa turma maluca do Olavo de Carvalho, para podermos massacrar os argumentos pífios que eles certamente apresentariam se tivessem coragem de encarar um diálogo consistente com a realidade da qual eles fogem com suas verdades acabadas, bem ao estilo de seu guru esquizofrênico.

Conforme abaixo, junto com este artigo fiz um *revival* de outros artigos nessa mesma linha que estão no próprio post ou acessados em links dele cujo endereço é indicado abaixo:

EMBATE ENTRE O CONHECIMENTO E A IGNORÂNCIA :

<https://mw.eco.br/zig/emails/ILREA171223ConhecIgnorancia.pdf>

Obs. os links internos para dentro do próprio post, em pdf, funcionam no meu PC, notebook,.. mas não com o androide do celular.

Abração
Manfredo

© GLOBO.COM - https://epoca.globo.com/sociedade/a-ciencia-tem-um-componente-espiritual-profundo-diz-marcelo-gleiser-23798065?utm_source=Whatsapp&utm_medium=Social&utm_campaign=compartilhar
[Obs. Tenho postado muitos *links* para textos importantes como este, mas vários sites vêm sendo cancelados ("volatilizados" no universo cibernético). Assim, visando garantir a preservação futura desta memória importante, o texto é copiado abaixo, mas **recomendo acessar o link** acima para ver a fonte original. Manfredo Winge]

[se possível leia a entrevista pelo link acima para ver todas as figuras]

‘A CIÊNCIA TEM UM COMPORTAMENTO ESPIRITUAL PROFUNDO’,

diz Marcelo Gleiser

Em entrevista, premiado físico discute os limites da ciência e da religião e o futuro da ciência no Brasil

Daniel Salgado

13/07/2019 - 13:37 / Atualizado em 16/09/2019 - 15:45



Marcelo Gleiser: nascido no Rio e radicado no Estados Unidos Foto: Dartmouth College / Eli Burakian

A união ou separação da ciência e da religião provoca discussões acaloradas na comunidade científica há pelo menos um século, e elas têm sido adotadas pelo grande público também. Especialista no tema, o físico brasileiro Marcelo Gleiser é pesquisador da prestigiosa Faculdade de Dartmouth, nos Estados Unidos, e tem uma série de livros publicados, pelos quais já recebeu dois Jabutis. No início deste ano, ele foi o primeiro latino-americano a receber o prêmio

Templeton, dado a quem "deu uma contribuição excepcional para afirmar a dimensão espiritual da vida".

Em visita ao Rio de Janeiro, onde falou em palestra na Casa Firjan, Gleiser acaba de lançar seu mais recente livro, "O Caldeirão Azul", uma reunião de artigos publicados em diversos veículos. Nele, o cientista discute como a ciência e a religião não são áreas excludentes; fala criticamente sobre as chamadas "teorias de tudo" e sobre a divulgação científica em geral. Em conversa com o site da ÉPOCA, Gleiser discute os temas do livro e comenta sobre o estado atual da ciência no Brasil.

Em seu novo livro, "O Caldeirão Azul", você diz que a religião e a ciência não são excludentes. Você pode elaborar mais sobre essa relação?

A percepção tradicional é de que ciência e religião são duas coisas completamente diferentes. De que a ciência tenta entender como funciona o mundo e a religião fala sobre o espírito do homem e questões existenciais, morais e de valor. Mas não é bem assim, e eu não sou o primeiro a falar isso. Talvez apenas toque no assunto de maneira mais contundente. Para citar um nome famoso, o Einstein dizia que o questionamento científico é o engajamento com o Mistério, de M maiúsculo. O que ele queria dizer com isso?

Essencialmente, é a ideia de que enxergamos uma parte muito pequenininha do mundo. Quando vemos as nuvens, o céu e as árvores, por exemplo. E o que a ciência faz é tentar ampliar essa nossa visão do que é o mundo. É uma viagem ao desconhecido, ao que a gente ainda não conhece.

Então gosto de dizer que, de certa forma, a ciência é um flerte com o mistério. E isso tem um componente espiritual muito profundo, pois é como nos relacionamos com algo muito maior do que nós somos. É óbvio que a ciência tem uma metodologia e quando escrevo meus artigos sobre estrelas e partículas, sou bastante rigoroso quanto a isso. Mas se você pensa no contexto cultural e emocional do processo científico, existe uma componente que eu diria ser essencialmente religiosa.

Em um dos seus artigos, você fala de um debate com o cardeal Gianfranco Ravasi. Como você enxerga o diálogo entre representantes da ciência e religião?

Quero que as pessoas se interessem, gostem e sejam estimuladas pela ciência. Quero levar isso ao maior número possível de pessoas, de uma maneira efetiva. E a verdade é a seguinte: a maioria das pessoas no mundo tem uma fé. Você irá olhar para o mundo de uma forma espiritualizada. Então assumir a posição do cientista meio arrogante, de falar que a "religião é uma bobagem", para mim é profundamente errado. Por tudo que falamos antes, sobre o engajamento com o mistério.

A palavra religião vem de 'religare', do latim, e significa se reconectar. Para mim, é uma reconexão com o mundo e a natureza. Onde você quer encontrar Deus é um problema seu. Mas o fato é que somos criaturas feitas de partes de estrelas que morreram há bilhões de anos e mesmo assim questionam a própria existência. "Quem somos, para onde vamos...". Isso mostra que não é possível olhar o ser humano apenas através de uma lente científica, mas de forma plural. Como um ser que filosofa, faz arte e que tem algum tipo de fé.

E no caso dos ateus?

Mesmo os ateus. Falo isso e eles ficam chateados comigo. Mas o ateísmo mais radical é inconsistente com o método científico. Depende do tipo que você é, mas se você faz uma declaração categórica negando a existência de qualquer tipo de divindade, é uma asserção da fé

na descrença. Você não tem como saber. É o que exploro em um dos meus livros, “A Ilha do Conhecimento”.

O que a gente conhece da natureza está crescendo e é bárbaro. Mas é limitado. Não dá para cravar, com o que não sabemos do mundo, que “Deus não existe” (e não interessa que deus seja). É possível, porém, dizer que não se vê nenhuma necessidade ou evidência para acreditar em divindades. O importante é entender que não se sabe tudo sobre o universo ou quem somos. Então, essa conversa entre a ciência e a religião só pode enriquecer o espírito humano, contanto que seja feita de uma forma honesta, aberta e com respeito. Que foi como aconteceu com o cardeal.

E quando se trata do outro lado, quando religiosos atacam a ciência? Essa coexistência é possível quando, por exemplo, a ministra Damares Alves [do ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos] diz que “deixamos a evolução entrar nas salas de aula”?

A coexistência só é possível se não existe radicalismo. Se você assume uma postura radical, você automaticamente fecha as portas para o resto. Não é possível reconciliar se a pessoa acha que você é um louco ou que você tem intenções nefastas. Acho que esse tipo de atitude é meio irremediável. A única maneira de combater isso é uma exposição, em todas as mídias, de muita ciência.

Um dos mais importantes cientistas da história, o físico Albert Einstein defendia a teoria de que a ciência lidava com o mistério da existência.

Uma crítica que faço aos cientistas, não só brasileiros, é de que existe um certo comodismo com relação ao engajamento deles como atuadores sociais. Você e seus alunos do doutorado podem sair da universidade para visitar uma escola pública na sua região. Para conversar com as crianças sobre o que é ser cientista, qual a diferença entre um biólogo, químico e físico, ou qual é a sua tese de doutorado. As crianças precisam ver que ciência não é só coisa de Einstein, Hawking e outras figuras super famosas — e que, inclusive nunca são brasileiras. Temos sim ciência no Brasil, e a fazemos muito bem feita. Precisamos criar um evangelismo científico nos grupos de base. Que seja construtivo e democrático. Não só para formar futuros cientistas, mas cidadãos que sabem sobre ciência.

Outro ponto de crítica no seu livro é contra as teorias totalizantes da ciência, que tentam encontrar uma explicação que abarque todos os fenômenos da natureza. Por que essas teorias são perigosas?

A ideia de uma teoria única, que explica tudo, é meio antiga e está viva até hoje. É a “teoria de tudo”. Ela diz, basicamente, que por trás de todas as grandes variações e diferenças, a natureza é regida por leis fundamentais que são as mesmas. Em um dos meus livros, o “Criação Imperfeita”, digo isso: “A gente nunca pode ter informação suficiente sobre o mundo e a natureza para dizermos que chegamos a uma teoria final de tudo”. Para mim, se trata de uma posição filosoficamente errada. Podemos é dizer que, com o que sabemos hoje, temos uma teoria que unifique várias outras. Mas isso não impede em nada que daqui a dez, vinte anos, um sujeito faça uma nova experiência e descubra uma nova força da natureza, uma partícula que não se encaixe nesse esquema...

Até porque a ciência não é a natureza em si, mas a leitura do homem sobre como ela opera...

Sim, exatamente. A ciência é uma descrição humana do mundo.

Pensando ainda nas teorias de tudo, o criador do Facebook, Mark Zuckerberg, disse certa vez que gostaria muito de descobrir o algoritmo por trás da interação social das pessoas. O que você acha de um objetivo desses?

Seria profundamente trágico. Achar o algoritmo de funcionamento humano acabaria com o mistério. E o mais interessante da vida é o que a gente não sabe sobre ela, não o que sabemos. A dúvida é essencial para a existência.

Do outro lado da moeda, o que você acha das pessoas que se aproveitam do fato de que a ciência não é absoluta e gera dúvidas para tentar desmoralizar e distorcer seus resultados?

A gente bota tudo no mesmo saco, mas são problemas diferentes. No caso do aquecimento global, existem ataques como se a questão fosse inventada pelos cientistas. Isso, para mim, é propaganda dos grupos que não querem que a gente desenvolva novas tecnologias renováveis e de sequestro de carbono. Grupos que, aliás, contrataram os mesmos mestres de ideologias por trás da defesa dos cigarros nos anos 60 e 70. Eles criam um clima de desconfiança, de que o aquecimento global seria uma invenção. E isso não é só assustador como é também trágico. Porque obviamente está acontecendo, os dados são claros e diretos. O aquecimento global não só acontece, como é acelerado pela industrialização humana.

E no caso de movimentos como os de anti-vacina e terraplanistas?

Bem, a diferença é que estar contra vacinas mata, e a terra plana não. Mas ambos fazem parte de um movimento infeliz de resistência ideológica contra o controle da ciência na vida das pessoas. E vivemos numa era onde a ciência controla nossos dados, quem somos. Tudo através da tecnologia de informação. Então as pessoas se sentem meio ameaçadas. Mas fico em dúvida sobre o quanto pessoas que dizem acreditar na terra plana estão sendo sinceras.

De qualquer maneira, é triste. Pois é possível fazer críticas legítimas à ciência. Nós acabamos de fazer. Mas Eratóstenes provou que a Terra era uma circunferência em 300 antes de Cristo. Negar isso é triste. Quer criar uma resistência? Ótimo. Mas que seja construtiva e não ignorante ao que já sabemos.

Muitos pesquisadores se debruçaram sobre a dimensão social da ciência no século passado. Sobre como ela é uma prática humana, movida por forças sociais. Um deles, o francês Bruno Latour, chegou a ser acusado de ser 'responsável' pelo boom de movimentos negacionistas como esse. Ele, porém, se defende dizendo que apenas constatou a dinâmica da ciência e que não se trata de um defeito. O que você acha dessa questão?

Concordo com o Bruno Latour. No "A Ilha do Conhecimento", eu exploro exatamente a ideia das limitações do conhecimento científico. Mas isso não é uma crítica à ciência. É uma demonstração de como ela funciona. Não significa que se eu pegar um avião eu devo ter medo que ele caia. Os caras que acreditam em terra plana pegam avião. Como é? Para mim é uma inconsistência ridícula.

Mostrar que, sim, a ciência é uma criação humana e, portanto, não é infalível, não significa que o que aprendemos sobre o mundo está errado. Mas que a ciência pode corrigir seu rumo. Por exemplo: as ideias de élan vital e do éter luminoso foram aceitas por muito tempo. Mas a ciência se corrigiu. Ela tem essa capacidade. Mesmo que a gente pegue uma vertente errada por um

tempo, não vamos continuar nela para sempre. E por isso vivemos em um mundo de computadores, aviões e vacinas.

Justamente por ela ser humana, a ciência pode se corrigir...

É pensar na questão do fracasso, outra que eu toco no livro. Sem o fracasso não vamos para frente. Então faz parte de toda criação humana errar. Você erra e acerta. Eventualmente você encontra sua sinfonia. Tudo bem. Mas achar que tudo que a gente faz tem que sair perfeito de saída é uma grande ilusão.

O novo governo do Brasil tem tido uma relação conturbada com diversos setores da ciência nacional. O que você acha que vem para o futuro da ciência do Brasil? (*)

Em uma palavra, acho isso tudo trágico. O ministro Marcos Pontes disse que o CNPq só tem dinheiro para pagar bolsas até setembro. Isso é absolutamente devastador para a ciência brasileira. E, pra mim, é trágico por vários motivos.

Primeiro, você olha para o mundo. Nos anos cinquenta, a Coreia do Sul era um dos países mais pobres do mundo. E hoje? Todo mundo tem Samsung, LG, Kia... Eles apostaram direto na educação, na engenharia, na ciência e na matemática. Vamos olhar para a China e Índia, hoje. A Índia investe bilhões e bilhões em ciência, constrói parques universitários e de tecnologia, estão repatriando todo mundo. Os chineses e indianos estão trazendo os cientistas de volta pois sabem muito bem que quem vai determinar o futuro da humanidade são os países que detêm a tecnologia de ponta em ciência e engenharia. Ponto final. Não tenho dúvida disso.

E o que Brasil está fazendo? Está se condenando a continuar sendo aquele país de extrativismo colonial, que é desde a época dos portugueses. O que se faz no Brasil? Temos agropecuária, petróleo, gás, ouro e ferro. Uma economia de extração, ao invés de ser uma de criação, de geração de informação. É um país que está olhando para o passado. Tudo bem ter uma agropecuária forte, não tem nada errado nisso. Não é nem oito nem oitenta. É preciso um equilíbrio, e isso não está acontecendo. Para mim, isso vai gerar uma dependência tecnológica seriíssima do Brasil no futuro.

Triste, também, pois vai comprometer essa geração que hoje tem de 20 a 30 anos. Ela é super criativa, cheia de inovação e não poder competir com o resto do mundo. E o que ela vai fazer? Querem que todos se tornem fazendeiros ou trabalhem na Petrobras? Não dá.

(*) [Nota: ver matéria coincidente com esses pontos de vista nas Conclusões de <https://mm.eco.br/zqj/zqj/190624CommoditiesMeioAmbiente.pdf>]

Você acha que essa desvalorização pode levar a uma fuga de cérebros do país em curto prazo?

Vários já estão indo ou já foram. Eu sou de uma geração mais antiga, mas tem uma moçada jovem que já foi. Como você vai ficar aqui? Para que você vai ficar aqui? É meio heróico. Os meus colegas brasileiros que estão aqui são heróis e tenho muito respeito por eles. E cá entre nós, as pessoas não sabem porque ninguém fala sobre isso, mas o Brasil tem cientistas de excelente nível. Em todas as áreas. Pessoas que podiam estar em qualquer outro lugar do mundo. Não estão porque voltaram, porque tem uma filiação emocional, social, cultura, familiar com o Brasil.

Eu sempre recebi um monte de mensagem de pessoas jovens do Brasil. Mas, de seis meses para cá, recebi uma enxurrada de e-mails principalmente de jovens, até de 14 anos, que não sabem o que fazer para serem cientistas ou continuarem a carreira. É desesperador.

E se você pudesse dar um recado a esses jovens cientistas? Qual seria?

Eu diria que você precisa depender menos dos seus professores e instituições. É preciso ser o mais auto suficiente e autodidata possível. Você tem que pegar seu destino com as suas próprias mãos. Se o seu professor está te ensinando tal matéria, vá para a biblioteca, faça um grupo de estudos e aprenda mais do que é ensinado na sala de aula. Fique independente intelectualmente, de forma a traçar o seu futuro.

Obviamente as faculdades do Brasil não vão fechar, espera-se. Mas, dá até vontade de chorar, se o governo deixa de financiar as instituições, ele vai decretar a falência da ciência no Brasil. Para mim, uma forma de morte nacional. E aí o que essa moçada vai fazer? Sair fora. E os que realmente querem fazer ciência, que foram atrás na faculdade, então vão para o exterior. Inteligência é inteligência aonde for.

Comentários & Réplicas

De: Manfredo Winge

Enviada em: quarta-feira, 16 de setembro de 2020 11:41

Para: Manfredo Winge

Cc: acir@senador.leg.br; acio.neves@senador.leg.br; sen.airtonsoandoval@senado.leg.br; alvarodias@senador.leg.br; ana.amelia@senadora.leg.br; angela.portela@senadora.leg.br; antonio.anastasia@senador.leg.br; antoniocarlosvaladares@senador.leg.br; armando.monteiro@senador.leg.br; atalides.oliveira@senador.leg.br; benedito.lira@senador.leg.br; cassio.cunha.lima@senador.leg.br; cidinho.santos@senador.leg.br; ciro.nogueira@senador.leg.br; cristovam.buarque@senador.leg.br; dalrio.beber@senador.leg.br; dario.berger@senador.leg.br; davi.alcolumbre@senador.leg.br; edison.lobao@senador.leg.br; eduardo.amorim@senador.leg.br; eduardo.braga@senador.leg.br; eduardo.lopes@senador.leg.br; elmano.ferrer@senador.leg.br; eunicio.oliveira@senador.leg.br; fatima.bezerra@senadora.leg.br; fernandobezerracolho@senador.leg.br; fernando.colloz@senador.leg.br; flexa.ribeiro@senador.leg.br; garibaldi.alves@senador.leg.br; gladson.cameli@senador.leg.br; gleisi@senadora.leg.br; heliojose@senador.leg.br; humberto.costa@senador.leg.br; ivo.cassol@senador.leg.br; jader.barbalho@senador.leg.br; joao.alberto.souza@senador.leg.br; joao.capiberibe@senador.leg.br; jorge.viana@senador.leg.br; jose.agripino@senador.leg.br; jose.maranhao@senador.leg.br; josemedeiros@senador.leg.br; jose.pimentel@senador.leg.br; jose.serra@senador.leg.br; katia.abreu@senadora.leg.br; lasier.martins@senador.leg.br; lidice.mata@senadora.leg.br; lindbergh.farias@senador.leg.br; lucia.vania@senadora.leg.br; magno.malta@senador.leg.br; maria.carmo.alves@senadora.leg.br; marta.suplicy@senadora.leg.br; omar.aziz@senador.leg.br; otto.alencar@senador.leg.br; paulopaim@senador.leg.br; paulo.rocha@senador.leg.br; pedrochaves@senador.leg.br; raimundo.lira@senador.leg.br; randolfe.rodrigues@senador.leg.br; reginasousa@senadora.leg.br; reguffe@senador.leg.br; renan.calheiros@senador.leg.br; roberto.muniz@senador.leg.br; roberto.requiao@senador.leg.br; robertorocha@senador.leg.br; romario@senador.leg.br; romero.juca@senador.leg.br; ronaldo.caiado@senador.leg.br; rose.freitas@senadora.leg.br; sergio.peteca@senador.leg.br; simone.tebet@senadora.leg.br; tasso.jereissati@senador.leg.br; telmariomota@senador.leg.br; valdir.raupp@senador.leg.br; vanessa.graziotin@senadora.leg.br; vicentino.alves@senador.leg.br; waldemir.moka@senador.leg.br; wellington.fagundes@senador.leg.br; wilder.morais@senador.leg.br; zeze.perrella@senador.leg.br

Assunto: CIÊNCIA TEM UM COMPORTAMENTO ESPIRITUAL PROFUNDO – entrevista: Marcelo Gleiser

Prezados colegas, políticos, jornalistas e demais, complementando o assunto geral **EMBATE ENTRE O CONHECIMENTO E A IGNORÂNCIA**, incluí uma entrevista muito importante de nosso físico Marcelo Gleiser ao cronista Daniel Salgado, da Globo.com, que aborda vários tópicos do máximo interesse para quem quer nosso País saindo logo desse atoleiro político (e intelectual, cultural, moral, financeiro, religioso, educacional, ...) em que nos encontramos, buscando as luzes filosóficas e científicas de sábios para termos um futuro melhor, principalmente para as gerações que estão chegando.

Como diz um provérbio milenar chinês(?): novos bons costumes levam até 7 gerações para serem incorporados pelo povo [Acrescentando em 18/5/21:] e os maus costumes levam 7 gerações ou mais para serem abandonados!!!!!!!

Acessar em <https://mw.eco.br/zig/emails/ILREA171223ConhecIgnorancia.pdf>

ILUSÕES *versus* REALISMO

O CONHECIMENTO E A IGNORÂNCIA

nos links internos:

OS ROBÔS E AS ELEIÇÕES NO BRASIL - *Alessandra Fedeski*

O embate entre o conhecimento e a ignorância - *Maurício Antônio Lopes*

UM BASTA À IGNORÂNCIA - *Rinaldo Gama, Filipe Vilicic e Marcelo Marthe*

NEGACIONISMO CIENTÍFICO - *Renan Leonel (USP) e colegas (Columbia University e University of Vienna)*

CIÊNCIA TEM UM COMPORTAMENTO ESPIRITUAL PROFUNDO – entrevista: *Marcelo Gleiser*

Aguardamos comentários & réplicas

Cordialmente

Manfredo Winge - <https://mw.eco.br/zig/hp.htm> [confraria democrática do bom senso]

Webmaster: [1º SITE do IG/UnB](#)

[Glossário Geológico Ilustrado](#)

[SIGEP Sítios Geológicos e Paleobiológicos do Brasil](#)

"Aqueles preocupados com o custo da educação deveriam antes considerar o custo da ignorância".

Derek Bok, ex-Reitor da Universidade de Harvard (foi-me enviado por e-mail)

AINDA O NEGACIONISMO DA CIÊNCIA

=> BOL FAPESP: Substâncias com ação anticancerígena são identificadas na própolis vermelha

De: Manfredo Winge

Enviada em: sexta-feira, 25 de setembro de 2020 17:45

Para: 'adri@senador.leg.br'; 'aécio.neves@senador.leg.br'; 'sen.airtonsandoval@senador.leg.br'; 'alvarodias@senador.leg.br'; 'ana.amelia@senadora.leg.br'; 'angela.portela@senadora.leg.br'; 'antonio.anastasia@senador.leg.br'; 'antonio.carlosvaladares@senador.leg.br'; 'armando.monteiro@senador.leg.br'; 'ataides.oliveira@senador.leg.br'; 'benedito.lira@senador.leg.br'; 'cassio.cunha.lima@senador.leg.br'; 'cidinho.santos@senador.leg.br'; 'ciro.noqueira@senador.leg.br'; 'cristovam.buarque@senador.leg.br'; 'dalirio.beber@senador.leg.br'; 'dario.berger@senador.leg.br'; 'davi.alcolumbre@senador.leg.br'; 'edison.lobao@senador.leg.br'; 'eduardo.amorim@senador.leg.br'; 'eduardo.braga@senador.leg.br'; 'eduardo.lopes@senador.leg.br'; 'elmano.ferrer@senador.leg.br'; 'eunício.oliveira@senador.leg.br'; 'fatima.bezerra@senadora.leg.br'; 'fernandobezerracolho@senador.leg.br'; 'fernando.colloir@senador.leg.br'; 'flexa.ribeiro@senador.leg.br'; 'garibaldi.alves@senador.leg.br'; 'gladson.cameiri@senador.leg.br'; 'gleisi@senadora.leg.br'; 'helojose@senador.leg.br'; 'humberto.costa@senador.leg.br'; 'ivo.cassol@senador.leg.br'; 'jader.barbalho@senador.leg.br'; 'joao.alberto.souza@senador.leg.br'; 'joao.capiberibe@senador.leg.br'; 'jorge.viana@senador.leg.br'; 'jose.agripino@senador.leg.br'; 'jose.marianhao@senador.leg.br'; 'josededeiros@senador.leg.br'; 'jose.pimentel@senador.leg.br'; 'jose.serra@senador.leg.br'; 'katia.abreu@senadora.leg.br'; 'lasier.martins@senador.leg.br'; 'lidice.mata@senadora.leg.br'; 'lindbergh.farias@senador.leg.br'; 'lucia.vania@senadora.leg.br'; 'magno.malta@senador.leg.br'; 'maria.carmo.alves@senadora.leg.br'; 'maria.suplicy@senadora.leg.br'; 'omar.aziz@senador.leg.br'; 'otto.alencar@senador.leg.br'; 'paulo.bauer@senador.leg.br'; 'paulopaim@senador.leg.br'; 'paulo.rocha@senador.leg.br'; 'pedrochaves@senador.leg.br'; 'raimundo.lira@senador.leg.br'; 'randolfe.rodrigues@senador.leg.br'; 'reginasousa@senadora.leg.br'; 'reguffe@senador.leg.br'; 'renan.calheiros@senador.leg.br'; 'roberto.muniz@senador.leg.br'; 'roberto.requiao@senador.leg.br'; 'robertorochoa@senador.leg.br'; 'romario@senador.leg.br'; 'romero.juca@senador.leg.br'; 'ronaldo.caiado@senador.leg.br'; 'rose.freitas@senadora.leg.br'; 'sergio.petecao@senador.leg.br'; 'simone.tebet@senadora.leg.br'; 'tasso.jereissati@senador.leg.br'; 'telmariomota@senador.leg.br'; 'valdir.raupp@senador.leg.br'; 'vanessa.graziotin@senadora.leg.br'; 'vicentinho.alves@senador.leg.br'; 'waldemir.moka@senador.leg.br'; 'wellington.fagundes@senador.leg.br'; 'wilder.morais@senador.leg.br'; 'zeze.perrella@senador.leg.br'

Assunto: AINDA O NEGACIONISMO DA CIÊNCIA => BOL FAPESP: Substâncias com ação anticancerígena são identificadas na própolis vermelha

PARA OS NEGACIONISTAS DA CIÊNCIA E DO SEU CONSEQUENTE CONHECIMENTO HUMANO ACUMULADO

(apesar de usarem e abusarem da internet e outras facilidades criadas direta ou indiretamente pelo trabalho de cientistas)

Ver:

©BOL FAPESP: <https://agencia.fapesp.br/substancias-com-acao-anticancerigena-sao-identificadas-na-propolis-vermelha/34211/>



Substâncias com ação anticancerígena são identificadas na própolis vermelha

Pesquisadores isolaram oito novos polifenóis na variedade mais rara de própolis. Dois deles apresentaram, nos testes *in vitro*, potencial de inibir a proliferação de células tumorais

Senhores/as políticos, colegas e demais,

dá orgulho ver que o Brasil tem evoluído muito nas últimas décadas em pesquisa e formação de pessoal profissional, o que corre risco de se descontinuar.

Ver acima mais uma pesquisa da máxima importância para a SAÚDE. Além do foco direto visando a CURA OU MITIGAÇÃO DO CÂNCER, certamente outros “dividendos” (*) dessa e de muitas outras pesquisas assemelhadas em andamento virão a reboque como novas metodologias, novos conhecimentos com os resultados parciais e finais da pesquisa.

(*) Os “lucros” em serviços públicos são majormente os resultados factuais e não o dinheiro que, na realidade, é uma ilusão criada para representar valores das coisas e serviços (incluindo corrupção) visando a negociação, devendo-se destacar, entretanto, que patentes, p.ex., derivadas

de pesquisas científicas também trarão mais recursos (dinheiro) para mais pesquisas e formação de pessoal, além de já ir atendendo à sociedade com seus resultados diretos e indiretos como alunos e pesquisadores mais bem preparados profissionalmente.

Isso considerado, é triste verificar [cortes substanciais no Orçamento da União](#) dos recursos previstos para projetos de pesquisa e bolsas de iniciação científica e de pesquisadores na área da EDUCAÇÃO E PESQUISA e que contrastam com o aumento brutal de recursos para projetos militares e outros, seguindo a “ideologia” do atual governo.

É preocupante que o novo (e agora último) ministro da Educação, Milton Ribeiro, tenha se eximido de discutir assuntos sérios como o retorno às aulas dos níveis fundamental e médio para, assim, coordenar com estados e municípios, além de inúmeros outros problemas, o agora urgente processo de retorno às aulas e/ou implementação de novos acessos pela internet para os pobres principalmente nesta pandemia, dizendo que isto não é problema do MEC !!!!! (ver p.ex. Zero Hora: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/ultimas-noticias/tag/educacao-basica/> e [ANEXO](#)).

Este fato aponta que, também, se terá abulia semelhante do gestor na área de pesquisa conectada com o nosso ensino superior em geral e a pós graduação em especial, onde se moldam os cientistas e técnicos de alto nível bem como mais professores bem formados para o ensino básico e médio. Lembrar que o apoio gerencial e financeiro às bolsas e às pesquisas das universidades públicas sempre trará ao nosso País a prática e desenvolvimento de novas soluções tecnológicas e a boa preparação de profissionais cientistas que irão alavancar a nossa economia na 4ª revolução tecnológica com inteligência artificial e consequente perda de empregos de serviços rotineiros.

Assim, com esta política do atraso, ficaremos cativos da priorização econômica de mercado de bens primários (*commodities*), com pouco ou nenhum valor agregado (acrescido de muito custo de logística, subvenções e isenções bancados pelo povo), gerando-se concentração de riqueza de poucos e pobreza de muitos, com sérios problemas de falta de empregos, de empreendedores e de empreendedorismo.

Pode-se vislumbrar tempos de conflitos decorrentes se esta situação de distopia perdurar.

Cordialmente

Manfredo Winge - <https://mw.eco.br/zip/hp.htm> [confraria democrática do bom senso]

Webmaster: [1º SITE do IG/UnB](#)

[Glossário Geológico Ilustrado](#)

[SIGEP Sítios Geológicos e Paleobiológicos do Brasil](#)

"Aqueles preocupados com o custo da educação deveriam antes considerar o custo da ignorância".

Derek Bok, ex-Reitor da Universidade de Harvard (*foi-me enviado por e-mail*)

Comentários & Réplicas

From: Mário Vicente Caputo

Sent: Saturday, September 26, 2020 10:51 AM

To: Manfredo Winge

Subject: Re: Fw: AINDA O NEGACIONISMO DA CIÊNCIA => BOL FAPESP: Substâncias com ação anticancerígena são identificadas na própolis vermelha

Uma vez o Lula esteve em Belém e minha mulher falou com o Lula para ele estender a educação a todas as crianças. Ele respondeu que a educação do primeiro e segundo grau competia aos estados e municípios. Ela disse que o Mec poderia orientar a educação, ele ficou calado e nada fez. Pelo visto, a lei deve ser melhorada.

abrçs

Mario Vicente Caputo

From: Manfredo Winge

Sent: Saturday, September 26, 2020 7:01 PM

To: Mário Vicente Caputo

Subject: Re: AINDA O NEGACIONISMO DA CIÊNCIA => BOL FAPESP: Substâncias com ação anticancerígena são identificadas na própolis vermelha

Prezado Caputo, obrigado pelos comentários.

Acho que o processo democrático de vários governos pós-ditadura e a maior autonomia das universidades públicas, junto com o desenvolvimento de institutos públicos de pesquisa e o alicerce de orçamentos razoáveis, fomentaram muito o crescimento e a qualidade da produção científica do Brasil. Claro que muito por conta dos pesquisadores e seus alunos de pós-graduação, cada vez mais bem preparados, e de instituições sérias de fomento aos projetos de pesquisas, bolsas... Com ambiente propício e construtivo inter-instituições, ocorre maior racionalidade nas aquisições e uso de equipamentos laboratoriais ainda mais contando com comitês consultivos de técnicos e pesquisadores competentes. Condições estas que, com este governo negacionista da Ciência nos discursos e na prática, deixaram de existir.

Quanto ao ensino de crianças (e adolescentes) está na Constituição Federal que é obrigação do Estado Brasileiro supri-la, competindo à União (através do MEC, claro) coordenar (=ordenar com) o seu desenvolvimento e melhorias harmonicamente com estados e municípios.

Pode-se dizer que, bem ou mal, apesar de retrocessos, houve há anos atrás crescimento nas tentativas com esta direção: - com muita discussão de especialistas em educação, chegou-se a um Projeto de Currículo Base para o País a ser implantado e sistemicamente burilado com base nas experiências por quem está no front, os professores e gestores das áreas.

Já fiz sugestões (*), em mais de uma oportunidade, para estas revisões sistêmicas como, por exemplo: com base em trocas de experiências, professores de destaque, representantes dos órgãos principais envolvidos, deveriam ser reunidos em simpósios periódicos, temáticos e gerais, sobre ensino básico e médio, contando com a participação de pessoal das Universidades visto que o ponto inicial e crucial da boa formação da carreira de professor é a universidade.

Finalmente, não é e nem deveria ser prerrogativa de um político ou administrador, confrontar o dispositivo legal que garante e estimula a Educação no Brasil, única maneira de crescermos todos com menos desigualdade e, assim, consolidarmos nossa Democracia que hoje corre perigo por conta das discussões fúteis (“grenais” estúpidos) de uma política que muito espanta e deixa tudo a desejar.

Abraços
Manfredo
(c/co colegas e demais)

(*) https://mw.eco.br/zip/emails/Ensino_Brasil.pdf

From: Oscar P. G. Braun
Sent: Thursday, October 08, 2020 8:42 PM
To: Manfredo Winge
Subject: RE: AINDA O NEGACIONISMO DA CIÊNCIA => BOL FAPESP: Substâncias com ação anticancerígena são identificadas na própolis vermelha

Isto aí, Caputo! Como um semianalfabeto que dizia não gostar de ler e que tinha preguiça, além de se jactar de ser mentiroso (tem vídeos dele na Internet dizendo isto, não há como negar) poderia pensar em educação ou ensino. Além do mais, um dos meios da esquerda se apossar do poder é tornar o povo mais ignorante e, conseqüentemente, crédulo. O Ministério da Educação e as universidades foram aparelhados durante 30 anos pela esquerda. Só o MEC tem 300.000 funcionários. Estes que estão em casa em férias forçadas por esta pandemia artificial recebendo seu salário integral. Minha neta estuda na federal de Juiz de Fora e só na semana passada passou a ter aulas online. Os professores vagabundos todos em casa com o salário intacto. Reitores de universidades com processos de corrupção. O nível de aprendizado dos alunos brasileiros no último patamar mundial. Aí o novo governo que não é corrupto, que não deixa roubar e quer consertar toda a desgraça feita pelos governos "socialistas", muito preocupados com a igualdade e com as "minorias", que queriam acabar com a classe média, é uma ameaça à Democracia. Um governo eleito contra todas as tentativas de fraude e que é impedido de governar por onze comunistas ainda comandados pelo Lula, FHC et caterva está fazendo tudo errado, quer dizer, está tentando acabar com a esculhambação no ensino que nossos amigos querem que continue.

Não olham nem para uma Argentina ao nosso lado que optou para a volta do mesmo sistema corrupto e está mergulhando no caos social no rumo de uma Venezuela. É muita cabeça oca mesmo! Que venha um governo "antifacista" e aí não vai adiantar reclamar.

From: Manfredo Winge
Sent: Sunday, October 11, 2020 1:46 PM
To: Oscar P. G. Braun
Subject: RÉPLICAS E TRÉPLICA: AINDA O NEGACIONISMO DA CIÊNCIA => BOL FAPESP: Substâncias com ação anticancerígena são identificadas na própolis vermelha

Prezado colega Oscar,

não costumo postar réplicas com linguagem desnecessariamente agressiva (PARA DIZER O MÍNIMO), como a tua que GENERALIZA eventuais situações de alguns professores (ex.: vagabundos??) e, assim, tenta manchar a reputação da GRANDE MAIORIA que labuta em pesquisa e ensino para que o NOSSO País tenha alunos cada vez mais preparados para serem os profissionais que alavancarão o Brasil do futuro tentando, INCLUSIVE, consertar o que este governo destruidor está produzindo de atraso e confusão política. Lembrar, neste sentido, que Bolsonaro só busca a reeleição aliando-se agora ao baixo clero do qual ele veio e onde está boa parte da escória do parlamento com seu toma lá dá cá, coloca militares para dirigir a SAÚDE do BRASIL e outros órgãos técnico científicos, desanca subordinados competentes e coloca inexperientes militares na questão. E é usada uma lenga-lenga de que tudo está errado pois é COISA DE COMUNISTA, ou petista. Pratica este governo, assim “justificado”, o crime de TERRA ARRASADA, destruindo o legado de patrimônio e competências que foi conseguido ao longo de muitos e muitos anos, independentemente de partidos políticos, com profissionalismo sério de gente de carreira pública. Processo de destruição este que, em parte, felizmente é dificultado pela salvadora autonomia universitária. Esta política segue, exatamente, a mesma estratégia usada pelo ex-ditador Chavez, outro autoritário (muito elogiado pelo Bolsonaro), na Venezuela tendo-a tornado um país sem democracia até hoje com um boquirroto tragicômico, como ditador, o Maduro.

Estou postando politicamente esta tua réplica POLÍTICA porque demonstra claramente como os defensores deste governo fascista criaram um “mito” para eles mesmos adorarem e seguirem como “boiada para o matadouro” da DEMOCRACIA NO BRASIL.

Solicito que em próxima observação ou réplica, atenha-se a discutir os fatos e sem generalizar acusações,

Obrigado

Manfredo Winge

Professor aposentado do IG/UnB

Manfredo Winge - <https://mw.eco.br/zip/hp.htm> [confraria democrática do bom senso]

Webmaster: 1º SITE do IG/UnB

Glossário Geológico Ilustrado

SIGEP Sítios Geológicos e Paleobiológicos do Brasil

"Aqueles preocupados com o custo da educação deveriam antes considerar o custo da ignorância".

Derek Bok, ex-Reitor da Universidade de Harvard (foi-me enviado por e-mail)

From: Oscar P. G. Braun
Sent: Sunday, October 11, 2020 9:44 PM
To: Manfredo Winge
Subject: Re: RÉPLICAS E TRÉPLICA: AINDA O NEGACIONISMO DA CIÊNCIA => BOL FAPESP: Substâncias com ação anticancerígena são identificadas na própolis vermelha

Interessante que vc. se exalta com minhas palavras e, supondo que eu apoie o presente governo, não devo estranhar as violentas acusações que vc faz ao mesmo, usando os mesmos termos que os derrotados nas eleições usam. Dá para perceber? Não generalizei quando qualifiquei os professores da UFJF de vagabundos. Vc é que generalizou. Referia-me somente a eles. Como qualificar um professor que não dá aulas por mais de um semestre, nem ao menos não presencial, recebendo seu salário integral? Professor que despreza totalmente os alunos. Quem

paga os professores da universidade? Nós os contribuintes. Eles são nossos servidores. É aos alunos que devem prestar contas, não é aos sindicatos.

Autonomia das universidades? Quando as indicações e nomeações durante esses 30 anos foram todas feitas por influência direta dos partidos políticos da situação. Só atendendo a vieses socialistas. Onde grassa doutrinação de esquerda. Diga que não há reitores e até professores investigados por corrupção. É esta autonomia que vc quer? Faça uma forcinha para ver alguma coisa boa do atual governo. Acho que vai descobrir.

Mais uma vez, amigo, volto a notar que vc deu uma guinada nas suas apreciações desde alguns anos, antes das eleições. Não o estou reconhecendo ou me enganei na minha inocência. Agora juro que não vou criticar mais nada para não perder de vez mais um amigo. Continuo aplaudindo sua garra e sua constante atuação. Vivo divulgando suas contribuições. Mas, deixe-me ser de outro time. Deixe-me torcer para que o Governo dê certo. Torço pelo Brasil. Não torço pelo Bolsonaro que vc detesta.

Abraço,

Oscar

PS. A respeito dessa falsa pandemia veja:

<https://www.estudosnacionais.com/29324/milhares-de-cientistas-denunciam-fraude-da-pandemia-de-covid-19-e-riscos-do-isolamento/>

via UOL Mail

Assunto: Re: RÉPLICAS E TRÉPLICA: AINDA O NEGACIONISMO DA CIÊNCIA
De: manfredo.winge@terra.com.br
Enviado em: 21 de outubro de 2020 19:48
Para: opgbraun@uol.com.br

Caro Oscar,

não tenho esse ódio que tu me atribues e nem minhas palavras representam traços de ódio, pelo contrário prezo a realidade e , mesmo que ela seja triste deve ser dita com todas as letras. Tento discutí-la e interpretá-la pois isso interessa a quem tem bom senso e acredita mais na ciência do que em políticos transitórios, principalmente os negacionistas ferrenhos que desdenham a verdade e só querem o poder, mesmo com currículo eivado de coisas ruins e vazios enormes de produção.

Sinto muito, mas a leitura que fazes da situação atual parece que está fora da realidade vistos os fatos notórios que estão aí e são bem discutidos em revistas científicas conceituadas.

Não podemos misturar política eleitoral e partidária com questões técnicas/científicas da Medicina e outras ciências, como a Ecologia, a Hidrogeologia/Hidrologia, etc. Nem religião com política. etc.

Não pretendia publicar o teu arrazoado e a “bibliografia” suspeita que indicas sobre conjurações pandêmicas, mas para não me dares também a pecha de fanático que esconde o “outro lado”, pergunto: queres que publique os teus pontos de vista?

Lembro que a amizade deve sobreviver a discussões como esta sobre a péssima politização e radicalizações que estamos passando com ideologias exóticas e atrasadas detonando nosso patrimônio científico/cultural espantando cientistas e pesquisadores para outros países.

Sem rancor, hein?

Abraço

Manfredo

From: Oscar P. G. Braun
Sent: Wednesday, October 28, 2020 11:50 PM
To: Manfredo Winge
Subject: Re: RÉPLICAS E TRÉPLICA: AINDA O NEGACIONISMO DA CIÊNCIA

Tirando a referência, acho que deves publicar minha opinião sobre a degradação das universidades brasileiras durante os últimos 30 anos devida ao aparelhamento político e doutrinação ideológica.

Não, não vamos brigar por nossos antagonismos, por mais ferrenhos que forem. Que fiquem só na dialética.

Agora, cá para nós, vc acredita nessa panda-emia de mais um virus chinês? Sabe que morreram muito mais brasileiros no mesmo período do ano passado somente de problemas respiratórios do que os "supostos" de Covid deste ano? E ninguém disse que era pandemia e nem nos mandaram ficar em casa.

Abração e cuide-se para continuar na sua luta!

RETRATO TRISTE e VANGUARDA DAS TREVAS

De: Alvaro
Enviada em: domingo, 20 de setembro de 2020 20:29
Para: Alvaro
Assunto: Retrato

Caros amigos, eu ando assustado e perplexo com os rumos que vem tomando as coisas no Brasil. Nunca tanta gente ruim, incompetente e nociva ocupou tantos cargos importantes na administração pública brasileira. Por piores que tenham sido nossos governos passados, em algum escalão havia de se encontrar alguma luz de inteligência e patriotismo. Foi assim que a Pátria se aguentou durante tantas décadas. Mas agora a coisa está brava, e grande parte da população, em sua enorme ignorância política, segue encantada pelo discurso de machos de boteco de todas nossas autoridades.

Sem nenhum cunho partidário ou ideológico, mas qualquer luz é luz na escuridão. Ou reagimos agora à derrocada civilizatória que está desconstruindo o país ou mergulharemos de vez, e por muito tempo, na escuridão e nos horrores milicianos dos mais baixos instintos humanos. Com a Pátria e seus preciosos patrimônios entregues aos que sempre os cobiçaram.

Álvaro

RETRATO DE NOSSO BRASIL ATUAL

(César Cantu – *Eng. Químico; Prof. aposentado*)

- 1 - O país se esfarela. Os valores corrompidos se dispersam no ar como nuvens tóxicas.
- 2 - Os direitos e privilégios das elites são preservados e ampliados.
- 3 - As necessidades básicas da população são ignoradas e a miséria atinge índices alarmantes.
- 4 - As nossas fronteiras estão escancaradas para os interesses adventícios, capitaneados pelos EUA.
- 5 - Transformamo-nos num país joguete nas mãos dos americanos, sob o beneplácito de uma ala militar totalmente subserviente e antipatriótica.
- 6 - O meio ambiente é destruído e assumimos o papel de carrasco ambiental aos olhos do mundo.
- 7 - O Brasil retorna ao ciclo colonialista de mero exportador de matéria prima, importador de manufaturados e usuário de tecnologia ultrapassada – porta aberta para a miséria coletiva.
- 8 - O poder jurídico se aprofunda no servilismo aos dominadores;
- 9 - A nossa cultura se humilha à doutrinação externa.
- 10 - A nossa mente está dominada e apossada de valores e princípios que não são os nossos.

11 - Nosso senso de cidadania desmoronou-se. Somos meros torcedores da arquibancada geral a torcer por um ou outro time. Por pior que ele seja, é o meu time, numa adesão incondicional ao circo do povo.

12 - De políticas públicas alguns entendem; a maioria, não e não quer entender.

13 - Se depender dessa maioria, logo voltaremos a ficar dependurados em árvores (Se ainda existirem) e comendo banana.

14 - Tudo vale, sob as graças do bondoso “Deus”.

15 - Parabéns, a essa parcela de brasileiras e brasileiros.

16 - Haja servidão voluntária.

Comentários & Réplicas

De: Manfredo Winge
Enviada em: quinta-feira, 1 de outubro de 2020 12:01
Para: 'Alvaro'
Assunto: RES: Retrato (triste!!)

Realmente meu caro colega Álvaro, que retrato triste!!

E foi assim que o eixo nazi fascista nipo-italo-germânico cresceu roendo as proto-democracias, começando pelas bordas, com a maior parte das populações contra os governos autoritários, mas calando por achar que um dia termina e “vai ficar tudo bem”.

Mas o que se viu é que esse eixo do mal destruiu parte da Humanidade na imbecilidade da guerra e ainda atrasou a evolução humana.

Hoje esse quadro é mundial e repete-se por vários países; infelizmente no nosso também.

Causas: ignorância e falta de participação das comunidades em assuntos “políticos” que interessam a todos acabando por poder levar a atrasos, inflação, problemas diversos devido a inoperância de órgãos-chave com comando entregue a quem não é da área e só reza pela cartilha do autoritarismo esquecendo que sua função é de coordenação (ordenar com!!!) do setor que lhe foi atribuído, mas atua sem as indispensáveis consultas aos especialistas da área.

Brasil pagará um preço muito caro por essa abulia dos que não compactuam, pois deveriam criticar mostrando os fatos e trazendo críticas construtivas.

Ver o texto abaixo copiado de ZERO HORA, 1/10/20,pg2: Túlio Milman, que demonstra faltar a nós geólogos e demais cientistas um processo ativo e permanente de comunicação com a sociedade para enriquecê-la com conhecimentos científicos a serem passados com linguagem de fácil entendimento. Principalmente nas escolas onde está o futuro do País.

Abraços

Manfredo

Pesquisa americana comprova: Brasil é a vanguarda das trevas

Entre os habitantes de 20 países, os brasileiros são os que menos confiam nos cientistas. De acordo com o norte-americano Pew Research Center, 36% da população nacional não tem qualquer grau de confiança neles. Apenas 23% dos brasileiros manifestaram confiança absoluta e 36% se posicionaram na faixa do “algum grau de confiança”.

O país no qual a população mais confia nos profissionais da ciência é a Índia – 59%, totalmente. Nos Estados Unidos, esse índice é de 38%, na Holanda, 47% e no Reino Unido, 42%.

A média global ficou assim: 36% confiam totalmente, 40% em algum grau e 17% em nenhum. O estudo detectou que, globalmente, os eleitores

da direita tendem a ser mais críticos à ciência do que os de esquerda, mas não no Brasil, onde os percentuais são iguais.

O Brasil se destaca em outra resposta. Apenas 8% dos entrevistados no país consideram que os resultados das pesquisas científicas realizadas aqui são “os melhores do mundo ou estão acima da média”, o índice mais baixo entre os pesquisados.

O estudo foi realizado entre 2019 e 2020. Analisando os resultados, seria um erro apontar os dedos apenas para os eleitores. Os números nos permitem concluir que a ciência e os cientistas, no Brasil, ainda se comunicam muito mal com a sociedade mais ampla.

Veja a pesquisa completa (em inglês): bit.ly/prc2020esteem

*©Túlio Milman – Zero Hora de 1/10/20 – pg2
(veja a pesquisa completa em inglês: <http://bit.ly/prc2020esteem>)*

VACINA CONTRA A IGNORÂNCIA

OPINIÃO DA RBS

VACINA CONTRA A IGNORÂNCIA

É preocupante a controvérsia que voltou a ganhar corpo no Brasil nos últimos dias sobre a obrigatoriedade da vacinação contra o novo coronavírus assim que um imunizante seguro e eficaz estiver à disposição da população. Os contrários à compulsoriedade vêm evocando o argumento da liberdade individual, mas se esquecem de que a vacina é uma questão de saúde pública, de interesse de toda a coletividade e, portanto, deve sobrepor-se a crenças ou posições pessoais de qualquer natureza. Imaginava-se que uma possível imposição nem sequer seria necessária. Bastaria o bom senso, mas este é um artigo que vez por outra está em falta no Brasil atual.

Especialistas alertam que, se a vacinação não ocorrer em larga escala, o vírus continuará encontrando espaço para circular, infectar e fazer vítimas fatais. Portanto, alguém que opta por rejeitar a proteção pode disseminar o patógeno e a doença para seus concidadãos. Negar a vacina transcende questões legais: é uma posição de egoísmo e irresponsabilidade e não uma irresignação contra um ato de autoritarismo. Da mesma forma, muitos que porventura se negarem a receber a sua dose podem adoecer e acabar se socorrendo no SUS, serviço pago pelos impostos de todos os brasileiros.

A liberdade é um valor inquestionável, mas ela só é possível graças aos limites impostos pela convivência em sociedade. Não há defesa do indivíduo que justifique, por exemplo, autorização para conduzir um veículo embriagado, justamente pelos riscos a si e a terceiros. A vida comunitária exige liberdade com consciência.

É lamentável, nessa discussão estéril, a postura do presidente Jair Bolsonaro. Ao ressaltar que a vacina não será obrigatória, encoraja muitos de seus seguidores a trilhar esse caminho obtuso e joga contra o sucesso do futuro programa de imunização. O comportamento de Bolsonaro, aliás, é contraditório. Enquanto reiteradamente defende um medicamento sem eficácia comprovada, desestimula a vacinação com um produto que, quando estiver à disposição,

terá passado pelo escrutínio da ciência. É tão lastimável quanto politizar a vacina de acordo com o país de origem da substância ou com as parcerias estabelecidas por adversários políticos, desvio corrigido ontem, depois de intensa pressão dos governadores, com o anúncio da compra de 46 milhões de doses de uma das vacinas que vêm sendo testadas em São Paulo. Posições dúbias em relação à vacina por parte do Palácio do Planalto podem até recuperar alguns pontos perdidos com o bolsonarismo mais radical pelo casamento com o centrão e por outras promessas quebradas, mas colidem frontal-

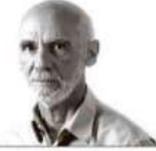
mente com os interesses da saúde pública e da esmagadora maioria dos brasileiros. Tem de ser lembrado ainda que leva a assinatura do presidente a Lei 13.979/2020, de fevereiro, que prevê a possibilidade de vacinação compulsória.

O Brasil conta com um exitoso programa de vacinas, e várias, para crianças e adolescentes, são obrigatórias, sob pena de dificuldades para serem matriculados em creches e instituições de ensino ou então para a família receber benefícios sociais do governo. Mas a cobertura vem caindo nos últimos anos, levando ao risco do reaparecimento de doenças erradicadas. Vários países, preocupados com a saúde pública, também obrigam que o viajante tenha certas vacinas para o ingresso em seu território.

Convicções religiosas, ideológicas e pensadores para crer em teorias conspiratórias bizarras, como os adeptos do movimento antivacina, não devem ameaçar a futura campanha de vacinação, pela qual o mundo inteiro aguarda de forma ansiosa.

A desinformação já fez o Brasil ter, no início do século passado, um episódio conhecido como a Revolta da Vacina, quando boa parte da população do Rio de Janeiro rejeitou a imunização obrigatória contra a varíola. Era de se esperar que, em pleno 2020, passagens como essa ficassem de vez restritas aos livros de História. Mas nota-se que a vacina contra a ignorância também não vem conseguindo uma cobertura satisfatória.

A vida comunitária exige liberdade com consciência



NÍLSON SOUZA

nilsonisouza31@gmail.com

A realidade negada

Se o mamute pudesse filosofar – escreveu o paulista Jerônimo Monteiro no admirável preâmbulo do quarto volume da coleção Conquistas Humanas –, diria:

– Esse infeliz animalzinho não tardará a desaparecer da superfície da Terra!

O elefante peludo referia-se ao homem primitivo, encurralado em sua caverna pelo medo que tinha dos outros animais, todos maiores, mais fortes, mais ágeis, com garras e dentes afiados para os embates da sobrevivência.

No entanto, conta o talentoso escriba, aquele serzinho indefeso tinha algo que nenhum outro animal jamais teria: um cérebro onde dormiam possibilidades e promessas tão extraordinárias

Toda vez que tropeçamos na nossa própria arrogância, corremos o risco de involuir como seres racionais e civilizados

como não se poderia conceber. E por aí o nosso pioneiro da ficção científica explica a evolução do animal humano, que observava a realidade, pensava, tirava conclusões, planejava, percebia que a vida em grupo lhe dava mais segurança e que, com a sua capacidade criativa, podia conquistar todos os recursos

que a natureza aparentemente lhe negara.

A palavra foi sua primeira e mais poderosa arma. Para viver em tribos, ele precisou se comunicar, dar nome aos objetos, identificar seus semelhantes, alertar para o perigo e apontar o esconderijo da caça. Azar do mamute, que acabou extinto antes de se tornar filósofo.

Mas nós, a espécie fabuladora, nos tornamos seres comunicativos, pensadores, transformadores, dominadores, quase divindades. Inventamos armas destrutivas, redesenhamos o planeta, fomos ao espaço, pisamos na Lua e mergulhamos no interior das células para desvendar os enigmas da vida. Porém, toda vez que tropeçamos na nossa própria arrogância, como nos episódios de guerras, barbáries e atrocidades que já protagonizamos ao longo da História, corremos o risco de involuir como seres racionais e civilizados.

Agora mesmo, juntamente com o vírus letal que nos atemoriza e desafia, ressurgem um fenômeno com potencial para nos devolver às cavernas pré-históricas: a negação da realidade.

Os negacionistas – da ciência, da democracia, do meio ambiente, da justiça e dos direitos humanos – parecem decididos a cumprir a profecia do mamute.

Vade retro, ignorância!



É bom esse Nílson Souza!!

Comentários & Réplicas
(copiados de msgs de whatsapp)

24/11 3:01 PM] Adv. C.K: Como os outros, se acha dono da verdade em relação a um virus pouco conhecido. Incide no erro que critica...

[25/11 4:25 AM] Manfredo Winge: Caro C., não acho assim não. O autor faz um alerta contra os negacionistas, os antivacina, terraplanistas e etc. cuja ignorância costuma virar arrogância porque se sentem diminuídos por não entender a natureza e força da metodologia científica, tendendo, então, a não aceitar os resultados positivos e comprovados da Ciência criando, com frequência, achismos contrários às soluções científicas além de tentar desmerecer as pessoas de bom senso que defendem a Ciência como a única maneira de evoluirmos em conhecimentos e o conseqüente desenvolvimento tecnológico e humanista.

Voltar para: [SITE](#) ou para: [Ilusões versus Realismo](#)



[ENVIE SEUS COMENTÁRIOS](#)

Caro internauta. A sua participação com comentários, sugestões, **críticas**,... é sempre bem vinda e poderá ser postada, **caso o texto**, coerente com o assunto abordado, tenha redação adequada a um *forum* de debates pautado no bom senso - clique na caixa de correio e envie, indicando o assunto como título do texto e torne-se um confrade da CONFRARIA DEMOCRÁTICA DO BOM SENSO - CLIQUE **Para informar ou cancelar seu endereço de e-mail**

Para localizar qualquer assunto ou nome pressione 'Ctrl' e 'F' simultaneamente e digite parte da palavra procurada no quadro que se abre